BBGO11

Relatório Gerencial

BB Fundo de Investimento de Crédito FIAGRO Imobiliário

Maio - 2024

INFORMAÇÕES GERAIS

O BB FIAGRO é um fundo de investimento que investe em ativos como CRA, LCA, CRI e Debêntures, desde que todos estejam vinculados ao Agronegócio. Os rendimentos do fundo são isentos de imposto de renda.

O fundo tem como objetivo superar o CDI através do investimento em uma carteira de crédito privado de alta qualidade, contando com a expertise do Banco do Brasil no setor de agronegócios. A isenção de imposto de renda torna o produto ainda mais atraente em uma indústria que representa cerca de um terço de todas as exportações do Brasil.

Ticker	Patrimônio Líquido	Nº de Cotistas	Quantidade de Cotas
BBGO11	R$391.752.723,32	12.633	4.005.164

CNPJ	Data de Início	Taxa de Administração	Taxa de Performance
42.592.257/0001-20	17/dez/21	0,85% a.a.	10% sobre excesso CDI+1% a.a.

Administrador e Gestor	Consultor	Custodiante	Auditor
BB Asset Management	Banco do Brasil SA	Banco do Brasil	KPMG

Resultados – Maio/2024

Rendimento por cota	Dividend Yield	Nº de Negócios	Volume Negociado
R$0,71	0,83%	9.522	R$5.199.360,71

Receitas	Despesas
R$3.277.550,04	-R$353.780,32

COMENTÁRIO DO GESTOR

O mês de Maio continuou com muita volatilidade e forte movimento de alta por toda a extensão da curva de juros futuros. As NTN-Bs estão alcançando os patamares mais altos no ano, o que pode indicar uma potencial reversão nos próximos meses.

Iniciamos a análise de um ativo de nutrição vegetal e animal com foco em micronutrientes, cuja emissão tem remuneração prevista de CDI + 4,25% no mercado primário. Além disso, nosso Comitê de Crédito está aprovando o limite de crédito para aquisição de um FIDC Agro. O gestor desse FIDC já passou pela *Due Dilligence* operacional e de investimentos da BB ASSET. Esse ativo tem remuneração e subordinação adequada ao perfil de risco do fundo, e excelente histórico de pulverização a adimplência dos recebíveis.

Já no mercado secundário, estamos analisando uma companhia que atua no segmento de fertilizantes cujo diferencial é ser uma das 5 maiores do país com acionistas relevantes com relevância internacional.

De modo geral, estamos focando em transações de menor risco, ou aquelas, como as acima citadas, cuja remuneração seja maior devido ao porte do emissor, mas que possuam maior rol de garantias e/ou um patrocinador robusto por trás.

Adicionalmente, estamos negociando alguns ativos em IPCA para reduzir a volatilidade dos resultados do fundo, apesar de mantermos nossa convicção de que a exposição em inflação é salutar para a diversificação.

Estamos em constante monitoramento dos ativos do fundo, utilizando-se da expertise do Banco do Brasil no agronegócio e continuamos com uma das carteiras mais high grade do mercado. Reiteramos nossa visão de que os ativos investidos têm baixa exposição ao Rio Grande do Sul e nossa carteira continua saudável e totalmente adimplente.

REMUNERAÇÃO DOS CRAS

Considerando as taxas de remuneração dos ativos na carteira do BBGO11, os CRAs são atrelados ao IPCA, CDI e Prefixado. Dessa forma, a remuneração considerando as taxas médias de aquisição e taxas de mercado se dividem conforme gráfico abaixo:

Ativo	% Alocado (% do PL)	Taxa Média Compra	Taxa Média a Mercado
IPCA +	39,38%	6,89%	8,04%
CDI +	52,13%	3,37%	3,35%
Prefixado	0,94%	11,96%	12,01%
Operação Compromissada	7,55%	100%CDI (-) IR	100%CDI (-) IR

SENSIBILIDADE

Abaixo, trazemos a tabela de sensibilidade para a relação entre a cota de mercado e a cota patrimonial do fundo. Ou seja, consideramos a relação do preço de mercado (apresentando diversos patamares possíveis na tabela) com o preço patrimonial do BBGO11 para a data de 31/05/2024, apresentando então o rendimento potencial do cotista, considerando o resultado da carteira e seu desconto de negociação em relação ao preço de patrimônio. Tendo em vista que o fundo tem capacidade de manter a posição nos papeis até o vencimento, e que não há até o momento nenhum papel com deterioração do risco de crédito relevante, é esperado que o preço dos papéis convirja para a curva quanto mais próximo vencimento.

Tabela de Sensibilidade	
Cota Patrimonial em 31/05/2024	
Preço por Cota	Taxa Equivalente*
R$80,00	CDI + 12,41%
R$81,00	CDI + 11,72%
R$82,00	CDI + 11,05%
R$83,00	CDI + 10,38%
R$84,00	CDI + 9,73%
R$85,00	CDI + 9,09%
R$86,00	CDI + 8,46%
R$87,00	CDI + 7,85%
R$88,00	CDI + 7,24%
R$89,00	CDI + 6,64%
R$90,00	CDI + 6,06%
*Pós Custos	

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

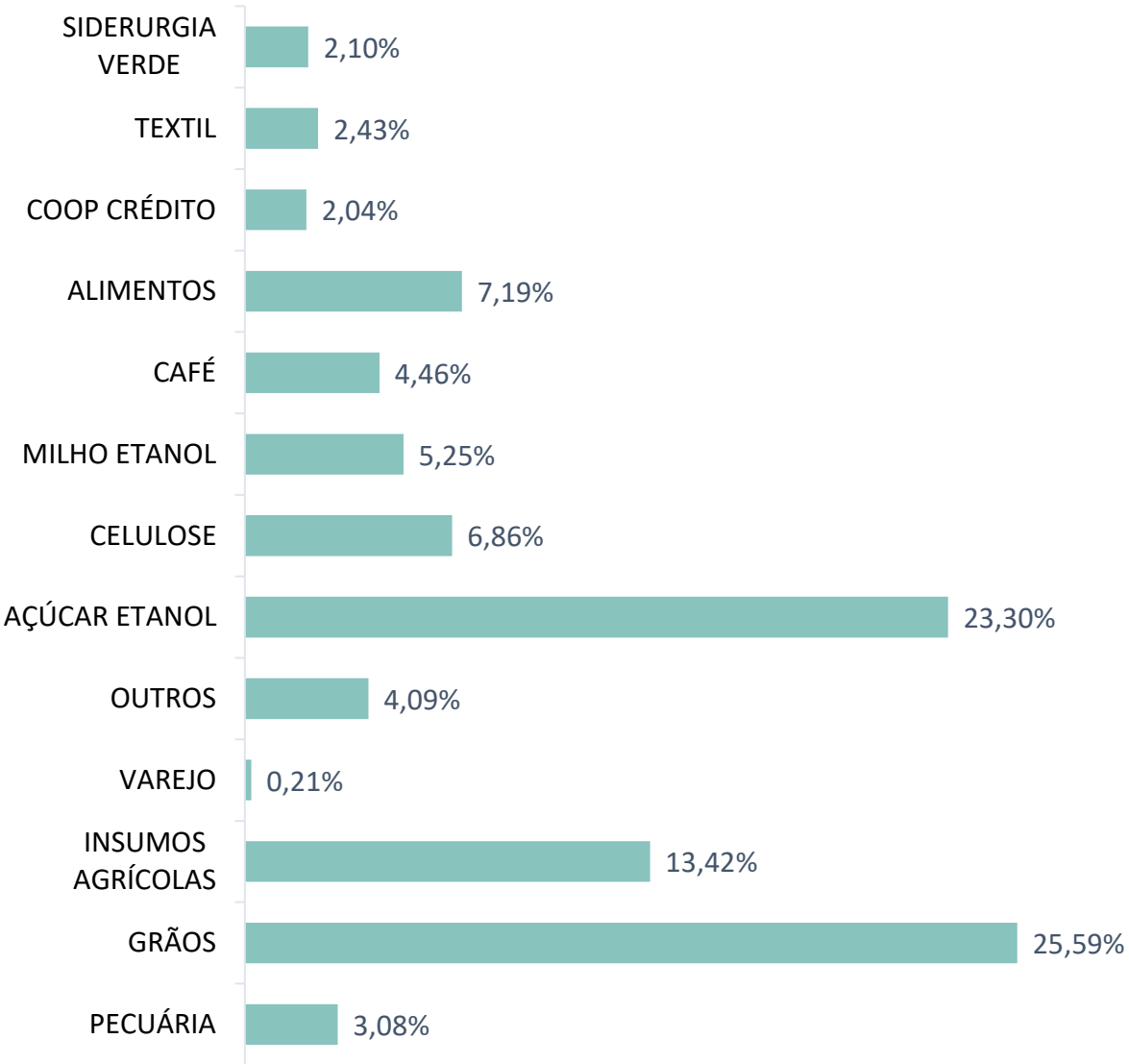
Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Indíce	Taxa Compra	Taxa Mercado	Código CETIP
VALE DO TIJUCO								
17/02/2022	15/01/2029	7.084	R$ 7.774.785,02	1,97%	IPCA	6,52%	7,87%	CRA0220012X
ELDORADO								
18/01/2023	15/09/2027	10.000	R$ 11.806.811,78	3,00%	IPCA	6,90%	7,93%	CRA021002YB
22/03/2022	15/09/2027	4.000	R$ 4.722.724,71	1,20%	IPCA	6,62%	7,93%	CRA021002YB
20/09/2023	15/09/2027	5.025	R$ 5.932.922,92	1,51%	IPCA	7,09%	7,93%	CRA021002YB
20/12/2023	15/09/2027	2.163	R$ 2.553.813,39	0,65%	IPCA	7,55%	7,93%	CRA021002YB
CEREAL								
29/12/2021	16/11/2026	10.000	R$ 11.232.525,21	2,85%	IPCA	7,60%	8,58%	CRA021003VT
BELAGRÍCOLA								
04/02/2022	03/12/2025	11.002	R$ 8.949.604,78	2,27%	CDI	3,92%	4,18%	CRA021002SU
GDM GENÉTICA								
16/03/2022	21/12/2026	2.400	R$ 1.918.386,95	0,49%	CDI	1,40%	1,43%	CRA021001KA
18/03/2022	21/12/2026	3.300	R$ 2.637.782,05	0,67%	CDI	1,50%	1,43%	CRA021001KA
COCARI								
24/03/2022	17/12/2026	10.000	R$ 7.543.497,02	1,92%	CDI	5,35%	5,32%	CRA021005KX
FS BIO								
30/03/2022	18/02/2026	5.000	R$ 5.140.996,12	1,31%	CDI	1,50%	2,06%	CRA022001E1
28/04/2023	15/10/2029	2.000	R$ 2.033.488,32	0,52%	CDI	2,90%	2,60%	CRA02300795
FIAGRIL								
29/03/2022	24/12/2025	1.397	R$ 8.200.916,90	2,08%	CDI	4,50%	0,00%	CRA021005LZ
29/03/2022	23/12/2026	499	R$ 3.444.185,56	0,87%	CDI	5,00%	4,37%	CRA021005M0
11/01/2023	11/08/2027	5.000	R$ 5.044.589,81	1,28%	CDI	4,50%	5,15%	CRA022007KF
COOXUPÉ								
29/03/2022	15/08/2024	15.000	R$ 7.767.780,02	1,97%	CDI	1,75%	1,91%	CRA0210026F
01/04/2022	15/08/2024	5.000	R$ 2.589.260,01	0,66%	CDI	1,75%	1,91%	CRA0210026F
11/04/2022	15/08/2024	2.000	R$ 1.035.704,00	0,26%	CDI	1,75%	1,91%	CRA0210026F
DORI								
08/04/2022	15/04/2027	20.000	R$ 21.765.139,49	5,53%	IPCA	6,20%	7,67%	CRA022003E9
NEOMILLE								
18/04/2022	17/04/2029	20.000	R$ 20.723.237,78	5,26%	IPCA	6,23%	7,96%	CRA021005W1
RODOIL								
29/04/2022	09/03/2027	14.300	R$ 14.402.464,77	3,66%	CDI	3,00%	3,00%	CRA022002XP
NARDINI								
16/05/2022	17/04/2028	20.000	R$ 21.720.982,91	5,52%	IPCA	7,47%	8,01%	CRA022004H5
C VALE								
17/05/2022	15/04/2027	10.000	R$ 10.652.881,52	2,71%	IPCA	7,18%	8,69%	CRA022003PD
BEM BRASIL								
25/05/2022	15/05/2029	7.163	R$ 7.540.872,54	1,92%	IPCA	6,53%	7,42%	CRA022003JT
USINA CERRADÃO								
03/06/2022	15/05/2028	20.000	R$ 21.029.797,71	5,34%	IPCA	6,99%	8,16%	CRA022004XY
AÇO VERDE								
30/06/2022	15/06/2029	2.000	R$ 2.201.006,61	0,56%	IPCA	7,15%	7,36%	CRA022006HE
CARAMURU								
18/07/2022	16/07/2029	2.000	R$ 2.109.830,71	0,54%	IPCA	7,20%	8,12%	CRA022006BU
EXPOCACCER								
15/07/2022	29/05/2026	2.700	R$ 1.800.150,30	0,46%	CDI	4,50%	4,49%	CRA02200798
FUTURA AGRO								
19/07/2022	16/06/2025	7.000	R$ 7.458.479,07	1,89%	CDI	5,00%	5,63%	CRA022006N6

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Indíce	Taxa Compra	Taxa Mercado	Código CETIP
FUTURA AGRO								
19/07/2022	16/06/2025	7.000	R$ 7.458.479,07	1,89%	CDI	5,00%	5,63%	CRA022006N6
COPLANA								
28/07/2022	29/07/2024	4.000	R$ 4.020.061,99	1,02%	CDI	5,50%	3,04%	CRA022007VG
CORURIPE								
28/07/2022	09/07/2027	20.000	R$ 14.017.800,64	3,56%	CDI	1,50%	1,58%	CRA022007VI
UBYFOL								
20/09/2022	17/07/2028	3.000	R$ 3.223.675,04	0,82%	IPCA	8,83%	9,35%	CRA02200817
AGROGALAXY								
23/09/2022	17/09/2027	10.000	R$ 9.717.783,56	2,47%	CDI	4,25%	6,58%	CRA022009KI
26/01/2023	17/09/2027	3.000	R$ 2.915.335,07	0,74%	CDI	3,00%	6,58%	CRA022009KI
26/01/2023	17/09/2027	3.000	R$ 2.915.335,07	0,74%	CDI	3,00%	6,58%	CRA022009KI
01/03/2024	17/09/2027	3.400	R$ 3.304.004,73	0,84%	CDI	6,88%	6,58%	CRA022009KI
ALCOESTE								
29/09/2022	20/09/2027	3.000	R$ 3.012.726,09	0,77%	CDI	3,50%	3,50%	CRA022008YD
14/11/2023	20/09/2027	2.000	R$ 2.008.484,06	0,51%	CDI	3,85%	3,50%	CRA022008YD
FAZENDÃO								
30/09/2022	15/09/2025	5.000	R$ 4.984.267,66	1,27%	CDI	2,00%	2,71%	CRA022009Q7
06/01/2023	15/09/2025	5.000	R$ 4.984.267,66	1,27%	CDI	2,30%	2,71%	CRA022009Q7
13/02/2023	15/09/2025	4.972	R$ 4.956.355,76	1,26%	CDI	2,30%	2,71%	CRA022009Q7
CRESOL								
28/10/2022	15/12/2027	5.974	R$ 4.265.835,60	1,08%	CDI	2,95%	2,42%	CRA0220099D
GIRASSOL								
04/11/2022	19/10/2026	10.000	R$ 10.106.848,52	2,57%	CDI	2,40%	2,66%	CRA02200AHU
COOPERTRADIÇÃO								
22/12/2022	15/06/2026	6.000	R$ 5.436.705,21	1,38%	CDI	3,00%	2,87%	CRA02200D4E
VICUNHA								
13/02/2023	16/08/2027	1.000	R$ 1.039.943,15	0,26%	CDI	2,10%	1,83%	CRA022008C2
OLFAR								
04/04/2023	15/03/2029	3.000	R$ 3.032.260,56	0,77%	CDI	3,00%	2,80%	CRA023003JX
COAGRIL								
04/05/2023	27/12/2027	2.000	R$ 1.817.125,17	0,46%	CDI	4,70%	4,93%	CRA023006SH
SIERENTZ								
05/05/2023	13/03/2030	4.000	R$ 3.606.171,57	0,92%	CDI	3,80%	2,94%	CRA023004BL
01/11/2023	13/03/2030	4.000	R$ 3.606.171,57	0,92%	CDI	3,80%	2,94%	CRA023004BL
14/11/2023	13/03/2030	2.233	R$ 2.013.145,28	0,51%	CDI	3,67%	2,94%	CRA023004BL
02/02/2024	13/03/2030	10.000	R$ 9.015.428,93	2,29%	CDI	3,75%	2,94%	CRA023004BL
ALIANÇA AGRÍCOLA								
12/07/2023	15/05/2028	9.700	R$ 9.824.258,26	2,50%	CDI	5,00%	4,67%	CRA02300CI2
BTG PACTUAL								
31/08/2023	15/09/2033	3.640	R$ 3.717.375,92	0,94%	PRE	11,96%	12,01%	CRA02300HWK
CAPAL								
01/12/2023	17/05/2029	1.667	R$ 1.653.296,84	0,42%	CDI	3,50%	2,49%	CRA02300Q8I
09/04/2024	17/05/2029	3.333	R$ 3.305.601,89	0,84%	CDI	2,47%	2,49%	CRA02300Q8I
LAVORO								
22/12/2023	22/12/2027	9.000	R$ 8.989.390,96	2,28%	CDI	3,00%	3,18%	CRA02300TBL
USINA SANTA FÉ								
28/03/2024	17/12/2029	669	R$ 681.881,22	0,17%	CDI	4,00%	3,53%	CRA024002MM

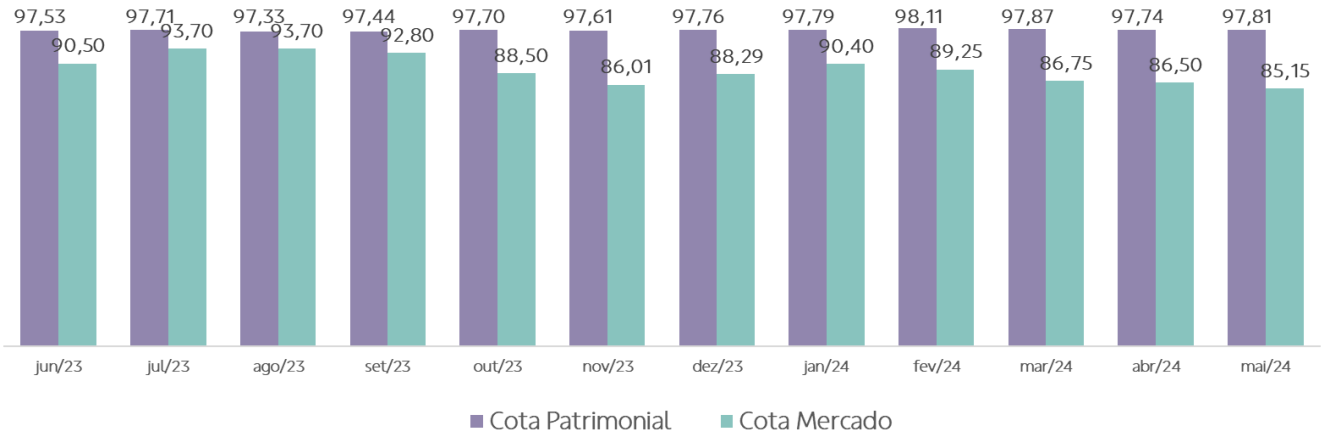
Composição Setorial da Carteira de Ativos

Em maio, a alocação setorial do BBGO11 estava distribuída com a diversificação abaixo apresentada:



Evolução da cota patrimonial x cota de mercado

No mês de maio, a carteira do BBGO11 observou 92,45% em Certificados de Recebíveis Agrícolas (CRA) e, neste sentido, um aumento da liquidez para 7,55% da carteira em liquidez (operações compromissadas e caixa). Os ativos atrelados ao IPCA somavam 39,38% dos CRAs, ao CDI 52,13% e prefixados 0,94%, diversificados em 38 diferentes emissores.

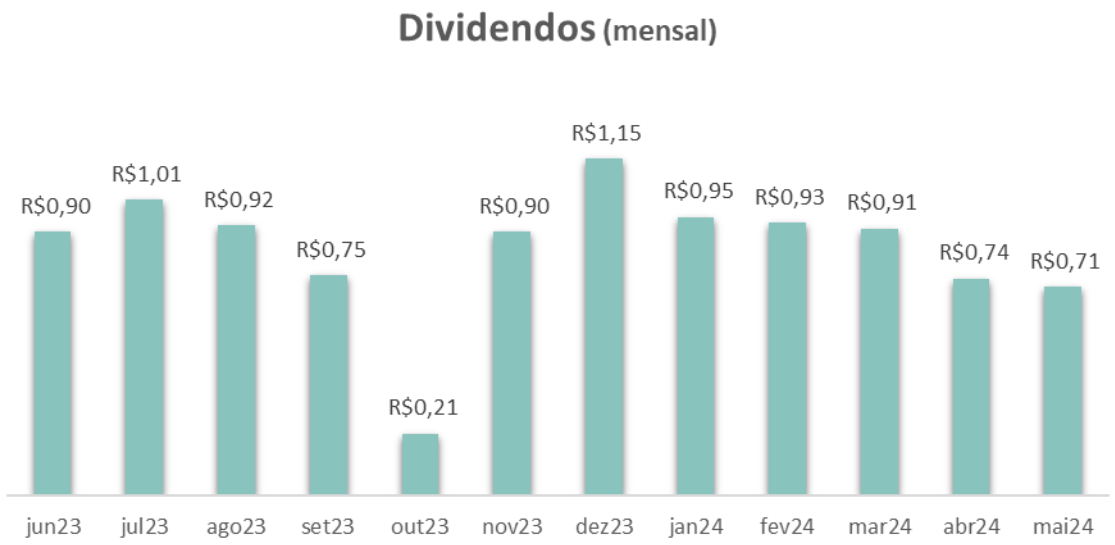


O BBGO11 distribuiu dividendos, relativos ao movimento da carteira de maio, no valor total de R$2.843.666,44 (dois milhões, oitocentos e quarenta e três mil, seiscentos e sessenta e seis reais e quarenta e quatro centavos), representando um rendimento de R$0,71 por cota, com data de pagamento dos dividendos em 15/05/2024. (10º dia útil do mês).

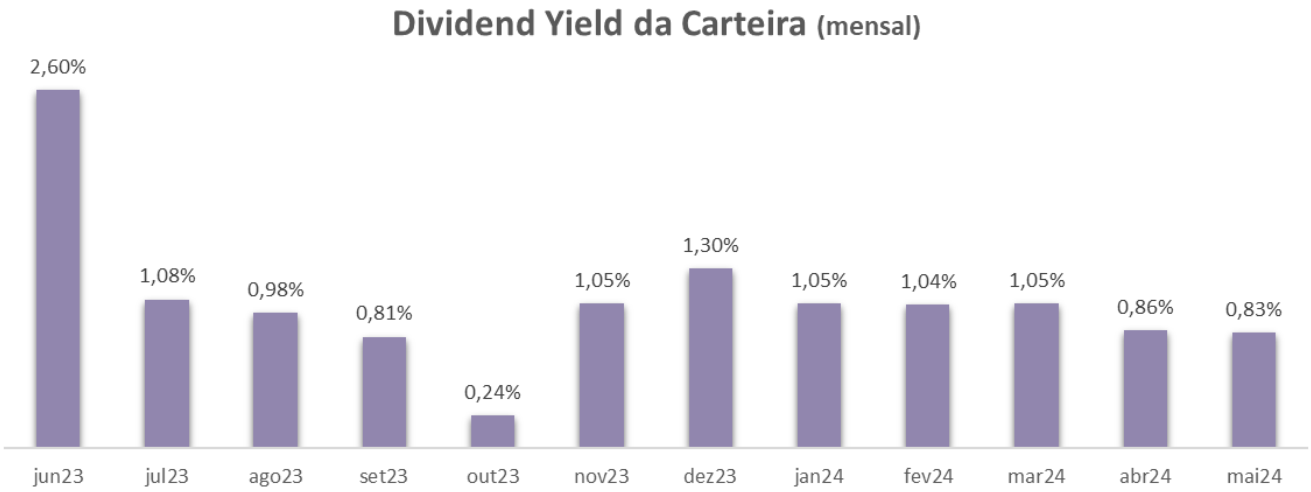
Demonstrativo de Resultado

DRE (R$ Milhões)	dez2023	jan2024	fev2024	mar2024	abr2024	mai2024
Receitas	5,05	4,65	4,00	2,74	2,91	3,28
Rendimento CRA	3,57	4,41	3,93	3,90	3,81	3,71
MTM CRA	1,41	0,33	0,11	-0,80	-1,04	-0,66
Outras Receitas	0,05	-0,10	-0,03	-0,38	0,14	0,23
Despesas	-0,29	-0,32	-0,28	-0,29	-0,39	-0,35
Taxa de Administração	-0,21	-0,21	-0,18	-0,19	-0,21	-0,20
Outras Despesas	-0,07	-0,11	-0,10	-0,10	-0,17	-0,15
Resultado Líquido	4,77	4,33	3,72	2,44	2,52	2,92
Distribuição	4,61	3,80	3,72	3,64	2,96	2,84
Resultado por cota (R$)	**1,19**	**1,08**	**0,93**	**0,61**	**0,63**	**0,73**
Distribuição por cota (R$)	**1,15**	**0,95**	**0,93**	**0,91**	**0,74**	**0,71**

Rendimentos Mensais



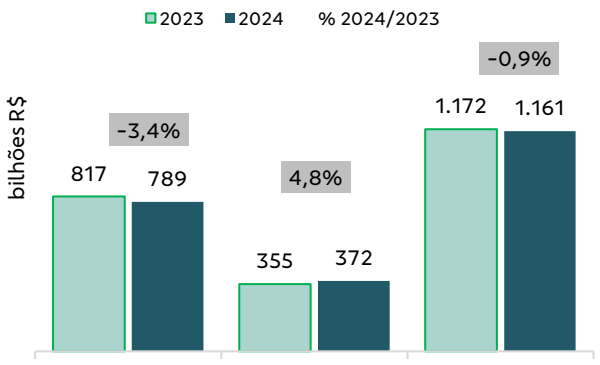
Em maio, a variação da cota de mercado aumentou o descasamento do valor de mercado do fundo em relação à cota patrimonial, com margem de atratividade de 14,87% para negociação do Fundo no mercado secundário. O *dividend yield* do Fundo foi de 0,83%, equivalente a uma rentabilidade bruta de 117,65% do CDI, que rendeu 0,83%.



Comentário do Consultor de Análise de Crédito

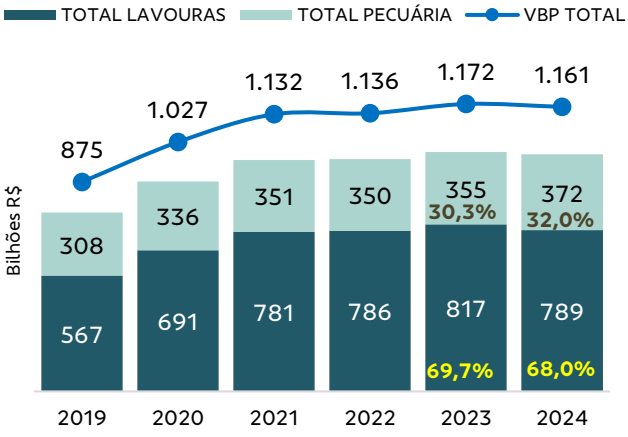
Valor Bruto da Produção – A estimativa para o Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) de 2024, com base nas informações de preços de abril, é de R$ 1,161 trilhão, 0,9% inferior ao valor de encerramento de 2023, de R$ 1,172 trilhão, de acordo com análise da Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). O referido prognóstico para o ano, aqui reportado, ainda não considera os efeitos das chuvas intensas ocorridas nas últimas semanas no Rio Grande do Sul, o que coloca um viés de baixa na produção agropecuária destacada na sequência. Segundo essas estatísticas de VBP do Mapa, a pecuária seria o destaque de 2024 em termos de crescimento de faturamento na agropecuária, com VBP em torno de R$ 372 bilhões, incremento de 4,8% em relação a 2023, enquanto as lavouras, mais afetadas pelas adversidades climáticas e incertezas em curso, sinalizam faturamento de R$ 789 bilhões, retração de 3,4% em relação a 2023. O VBP tem como base as projeções de safras divulgadas pela Conab e pelo IBGE, sendo os valores deflacionados pelo IGP-DI da FGV, de abril/24.

VBP Agropecuária



Fonte: Min. Agricultura.
Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito.

Participação da Lavoura e Pecuária no VBP*



* Previsão - valores reais - deflacionados pelo IGP-DI de abril/24
Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGVDados;
Fonte: Min. Agricultura
Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

A retração do valor esperado nas lavouras para 2024 reflete o baixo desempenho das culturas no ciclo atual frente ao ciclo 2022/23, afetado pelo fenômeno El Niño e a manutenção de relativa estabilidade de preços. Em destaque, com incremento positivo de faturamento no prognóstico do ciclo 2023/24, tem-se as lavouras de cacau (+91%), laranja (+54,8%), batata-inglesa (+41,2%), banana (+32,8%), café (+23,8%), arroz (+18,7%), tomate (18,1%) e trigo (+16,4%). Culturas como as de soja e milho, que representam maior Valor Bruto da Produção Agropecuária, apresentam previsão de retração em 2024, de 18,6% e 12,6%, respectivamente.

Na pecuária, em que pese a queda nos preços de negociação do boi gordo, em contexto de alto volume de abate de animais que ainda deve se prolongar ao longo do ano e da demanda interna que segue em recuperação, a cadeia produtiva de aves e suínos deverão sustentar o faturamento do setor. (Projeção de 9,0% de incremento do VBP da avicultura e de 63,7% da suinocultura).

A demanda interna e externa aquecida, a recuperação da renda e ajustes na produção, com consequente redução da oferta da proteína no mercado brasileiro, poderão refletir na recuperação dos preços e no faturamento bruto da cadeia produtiva de aves e suínos. Destaca-se, negativamente, incertezas climáticas presentes no cenário global, com a crescente probabilidade de transição do fenômeno El Niño para o La Niña já no segundo semestre, que afetam de modos diversos as regiões produtoras do Brasil.

Ainda em relação à avicultura, os órgãos de fiscalização de sanidade animal seguem em alerta, monitorando os casos de influenza aviária em aves silvestres e em criações de subsistência no Brasil. No entanto, não existe registro de contaminação de aves de granjas comerciais.

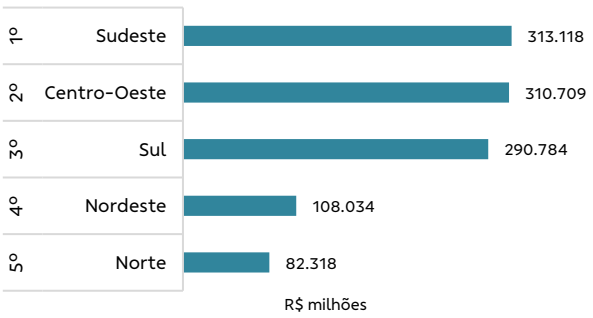
Ressalte-se também que a China tem favorecido a produção brasileira de proteína animal, com a flexibilização de medidas antidumping e habilitação de novas unidades de negócios autorizadas a comercializar seus produtos com o mercado chinês.

Já a produção leiteira apresenta tendência de retração de 5,1% no faturamento em 2024. A importação de leite tem sido o principal fator que mantém produtores nacionais com dificuldades de negociar melhores preços no mercado, dada a baixa competitividade do produto nacional frente ao importado. A queda dos preços só não é maior em decorrência da menor oferta do produto. A produção já havia sido severamente afetada no Sul do Brasil no 2º semestre/2023, com perdas que levaram alguns produtores a encerrarem as atividades.

Decreto do Governo Federal, assinado em outubro/23, que definiu medidas protetivas e de apoio à cadeia produtiva para frear as importações de lácteos do Mercosul e oferecer crédito novo para capital de giro de produtores e cooperativas, segundo avaliação de especialistas da Embrapa, serão insuficientes para resolver o problema estrutural de ineficiência e falta de competitividade do setor produtivo nacional diante de países concorrentes.

Valor Bruto da Produção por Região – Os Estados do Sudeste, Sul e Centro-Oeste historicamente figuram entre os maiores produtores agropecuários do país, sobretudo por conta da elevada participação das lavouras temporárias (milho, soja, cana-de-açúcar etc.) na produção local. Destacam-se também pela produção de proteína animal, sendo o Centro-Oeste a principal região produtora do Brasil. Este último destaca-se como principal polo de geração de renda do agro brasileiro.

VBP por Macrorregião - 2024



Fonte: Min. Agrucultura
Elab.: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

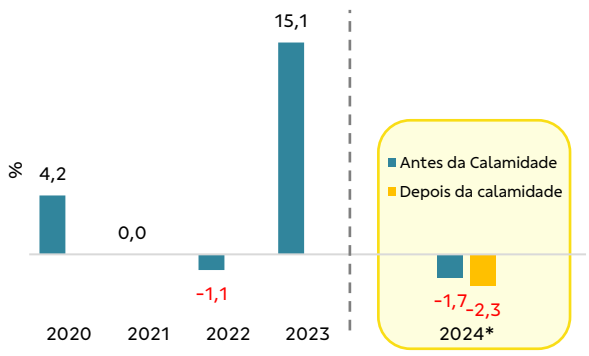
PIB Agropecuário – Segundo o IBGE, após um ano de excelente desempenho da produção agropecuária, que refletiu em incremento de 15,1% no PIB do setor em 2023 devido à safra recorde de grãos, espera-se retração em 2024.

Esse desempenho projetado está associado aos impactos climáticos que atrasaram as semeaduras da safra 2023/24 na maior parte das regiões produtoras e dos efeitos ainda presentes associados ao fenômeno El Niño. Nesse sentido, Importante destacar que as análises preliminares dos impactos econômicos da calamidade climática no Rio Grande do Sul já ensejaram revisão, pelo Assessoramento Econômico do BB, na projeção do PIB Agropecuário do Brasil de 2024, de -1,7% para -2,3%. Ademais, os impactos não se restringem ao agronegócio, estando disseminados em todos os setores e na economia do estado como um todo.

Nessa região, chama a atenção a importância das lavouras temporárias, que chega a representar de 60% a mais de 75% da produção agropecuária. O restante da produção local está basicamente concentrado na pecuária e nos produtos de origem animal.

Os efeitos da calamidade pública ocasionada pelas intensas chuvas no Rio Grande do Sul nas últimas semanas ainda estão sendo mensurados. Entretanto, já é possível inferir que trarão impactos negativos no faturamento bruto da agropecuária. Porém, esses impactos serão perceptíveis a partir da revisão das projeções a serem divulgadas em junho.

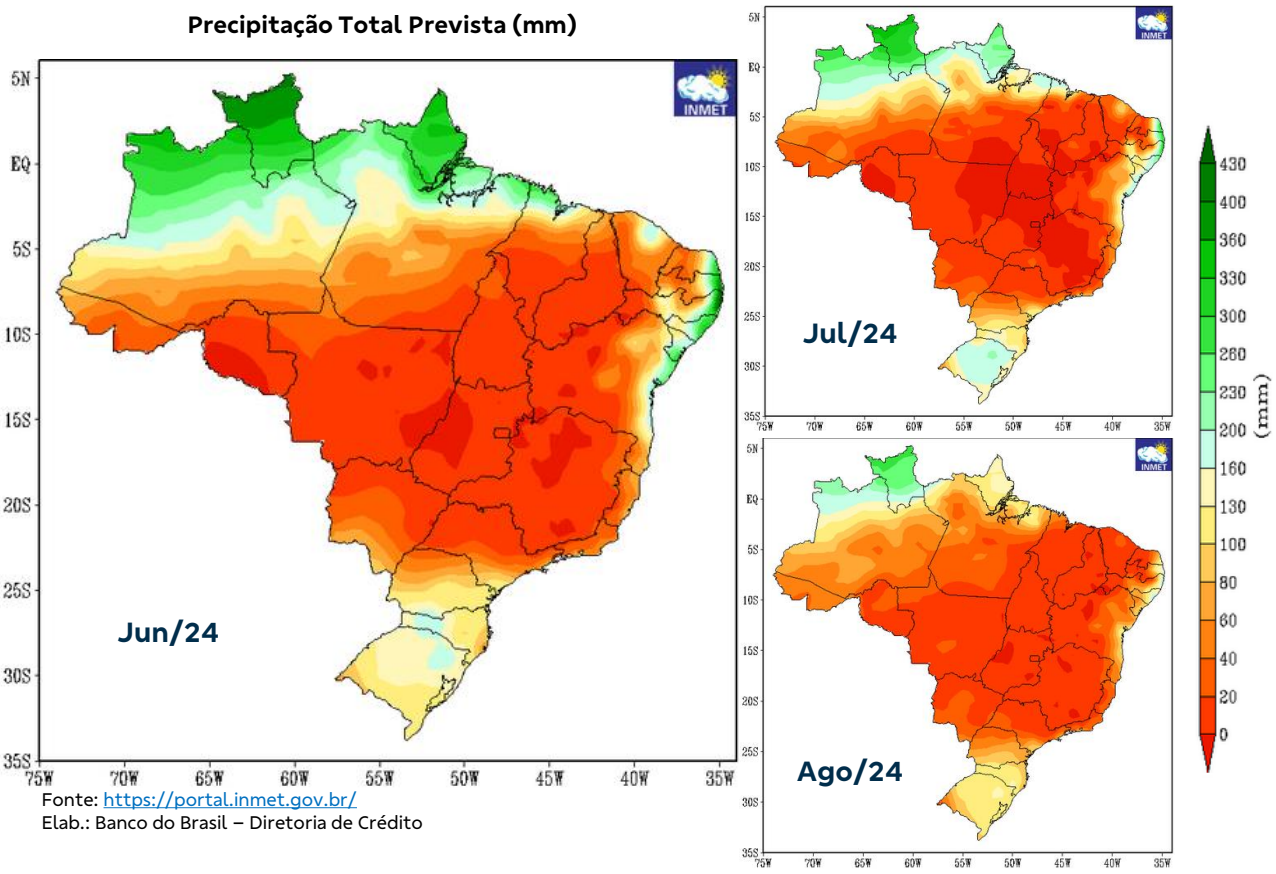
PIB Agropecuário



*Obs.: Em 17/05/2024, a projeção preliminar do PIB Agropecuário brasileiro foi ajustada de retração de 1,7% para 2,3%, refletindo os efeitos do clima no RS sobre a atividade produtiva.
Fonte: BB Assessoramento Econômico, cenário de 07/06/2024.
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito.

Precipitação – Para os próximos meses, as previsões climáticas para o Brasil, segundo o Inmet, indicam precipitações menores para grande parte do País. A exceção fica para o norte do país com maiores incidências. No Sul, após as fortes chuvas de maio, espera-se precipitações de menor intensidade e frequência entre junho e julho, o que apoia a recuperação no Rio Grande do Sul e segue em linha com as culturas de inverno que são menos dependentes de água.

Precipitação Total Prevista (mm)

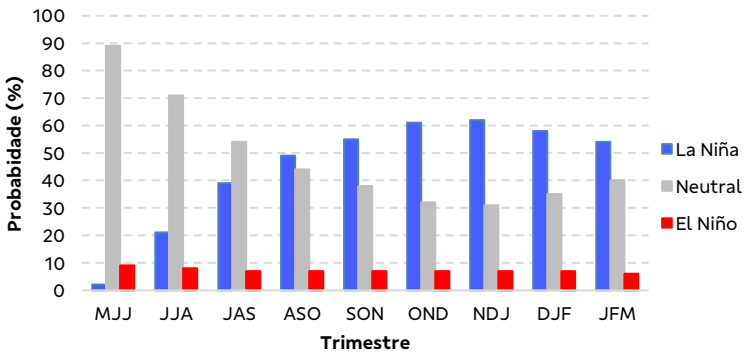


Fonte: https://portal.inmet.gov.br/
Elab.: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Aspectos Climáticos – A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), indica a transição das condições de El Niño para um novo período de La Niña ainda no 2º semestre de 2024, com um curto período de neutralidade climática que deve refletir no clima até julho.

Os institutos de acompanhamento do clima, em especial a Administração Nacional de Oceanos e Atmosfera dos EUA (NOAA), já considera como finalizado o evento de El Niño iniciado em junho/2023.

Previsões ENOS baseadas no modelo probabilistico IRI da segunda quinzena de maio de 2024
(Condição ENSO neutro: entre -0.5ºC e 0.5ºC)



Fonte: : IRI – International Research Institute for Climate and Society | Climate and Forecast Products (columbia.edu)
Elab.: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

O fenômeno El Niño foi o maior responsável pelo excesso de chuva do ano passado e deste outono no Rio Grande do Sul, com grandes enchentes e desastres ambientais, econômicos e humanitários. Segundo a MetSul Meteorologia, as mudanças atmosféricas decorrentes do fenômeno ainda estarão presentes por algum período, mas as condições oceânicas já deixam de ser de El Niño.

A confirmação de novo ciclo de La Niña traz para a região Sul do Brasil e parte do Sudeste perspectiva de baixa intensidade de chuvas e maior estiagem, enquanto para a região Norte e Nordeste as perspectivas são de precipitações mais frequentes.

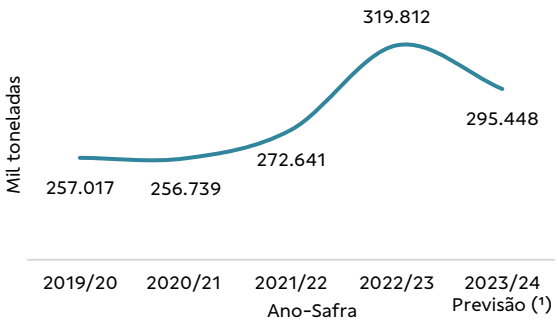
Destaques – Produção de Grãos

Segundo o 8º Levantamento da Safra de Grãos 2023/24, divulgado em maio, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) ajustou a projeção de produção para 295,45 milhões de toneladas, recuo de 7,6% frente à temporada anterior, mas ainda assim, o segundo maior volume registrado. As cultura da soja e do milho, consideradas as mais relevantes em volume de produção no Brasil, têm puxado a retração.

Ressalta-se que as previsões refletem as condições climáticas desfavoráveis já observadas em razão do fenômeno El Niño, que afetou fortemente as lavouras do país no início da temporada. A produção está ainda sujeita ao comportamento e intensidade do fenômeno ao longo do primeiro semestre do ano, mesmo que os institutos climatológicos já indiquem sua reversão de modo gradual para um novo ciclo de La Niña a partir do segundo semestre.

A partir da última semana de abril, a produção primária no Rio Grande do Sul foi severamente afetada pelas chuvas, as quais provocaram alagamentos em grande parte das regiões de lavouras e pecuária do estado, comprometendo a produtividade em várias culturas ainda não colhidas. No setor de grãos, destacam-se as perdas nas áreas produtivas das culturas de verão, sobretudo arroz e soja, e plantios iniciais de inverno, como o trigo, além do montante já colhido e perdidos em silos e armazéns localizados em áreas atingidas. Segundo a Conab, as perdas já são certas e deverão continuar em avaliação conforme a situação do estado retorne a patamares não calamitosos, não descartando novas revisões da safra.

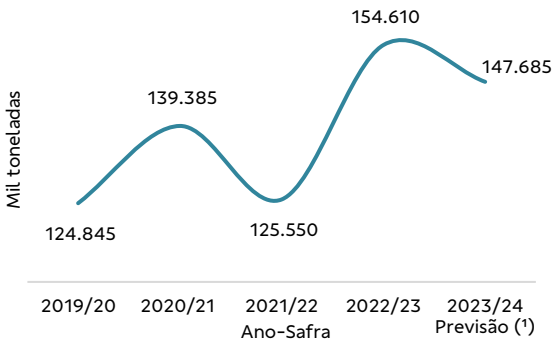
Produção Brasileira de Grãos



(¹) Previsão conforme 8º Levantamento da Safra de Grãos 2023/2
Fonte: Conab – base: mai/24
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Soja – A produção da soja em grãos para o ciclo 2023/24 deverá atingir 147,7 milhões de toneladas, retração de 4,5% frente à temporada passada, de acordo com o 8º Levantamento da Safra de Grãos 2023/24 da Conab. O incremento estimado frente ao apurado no 7º Levantamento (146,5 milhões/ton) refletiu os ajustes de área e produtividade a partir da identificação de novas áreas de cultivo no Maranhão, Goiás, Pará, Mato Grosso e Minas Gerais. Ainda assim, a menor safra nesse ciclo resultou dos impactos relacionados ao clima. Nesse contexto, foram observadas ocorrência de quebra de safra pontuais em algumas regiões, porém o Centro-Oeste obteve quebra expressiva (superior a 15%), afetando a produtividade nacional (retração de 7,9%).

Cultura da Soja



(¹) Previsão conforme 8º Levantamento da Safra de Grãos 2023/
Fonte: Conab – base: mai/24
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Variações % de Produção

Soja	2022/23	2023/24*
Produção (mil ton.)	23,1%	-4,5%
Produtividade (kg/ha)	15,9%	-7,9%

*Fonte: Conab - 8º Levantamento da Safra de Grãos 2023/24, da Conab.
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito.

Variações % de Preço – Preços Médios

Preços	Mai/24 x Abr/24	Mai/24 x Mai/23
Porto Paranaguá*	7,3%	-1,5%
Paraná**	6,8%	-0,2%

* Indicador Esalq/BM&Fbovespa – Paranaguá
** Indicador Cepea/Esalq - Paraná
Fonte: Cepea/Esalq/USP – mai/24.
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito.

Chuvas interromperam pontualmente a colheita de soja desde o mês de abril em algumas regiões do Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Porém, as regiões produtoras do Rio Grande do Sul tiveram as áreas ainda a serem colhidas afetadas pelas fortes chuvas atípicas que assolam a região desde o dia 27 de abril.

Até o dia 02 de junho, aproximadamente 99% da produção estimada foi colhida no Brasil. Na mesma data, a colheita no estado do Rio Grande do Sul havia atingido 94% da área, enquanto no mesmo período do ano anterior a colheita havia atingido 98%. Vale ressaltar que, de acordo com a Conab, o estado é o segundo maior produtor de soja do Brasil, com produção estimada em 21,4 milhões de toneladas, equivalente a 14,5% da safra 2023/24.

O montante das lavouras de soja ainda não colhida no estado e afetadas pelas chuvas está estimada em 1,49 milhão de hectares, segundo a Emater-RS, em levantamento na penúltima semana de maio. As perdas incorridas de produção das lavouras a colher são de 2,71 milhões de toneladas que perfazem 1,8% da produção nacional, o que permite inferir que os efeitos das perdas locais não deverão trazer impactos fortes sobre a cultura a nível nacional.

Porém, são esperados impactos também sobre o produto já colhido em estoque nos armazéns. Já há relatos de indústrias esmagadoras que estão recusando soja já colhida e armazenada devido ao excesso de umidade dos grãos, o que prejudica a fabricação de ração animal e sua utilização na indústria alimentícia.

Há outros problemas que afetam não apenas a soja, mas outras culturas de grãos, como cidades com problema de abastecimento de energia e, seja elétrica ou a gás, é necessária para secagem dos grãos. Em termos logísticos, a condição de escoamento também é ponto de preocupação, mas ainda não é possível avaliar de forma mais efetiva, com perdas e condições de tráfego sob alerta. A movimentação de grãos até o porto ou para a indústria é afetada. No caso específico de transporte marítimo, já se observa prêmios maiores em outros portos fora do estado.

De maneira geral, não são esperadas pressões mais fortes sobre os preços da commodity, dado que a produção regional na oferta total do produto é importante mas não totalmente determinante, ainda que tenham sido observados movimentos de alta nas cotações recentes.

Em que pese a elevação dos preços internos observados em abril, frente ao mês imediatamente anterior, estes operavam em patamares até 12% abaixo dos registrados no mesmo período de 2023, segundo apontam levantamentos do Cepea. Já no mês de maio, com os efeitos das chuvas no RS, fretes e prêmio dos portos ficaram mais elevados em outros estados devido à sobrecarga com a paralisação portuária ocorrida no estado Gaúcho, pressionando os preços da commodity recentemente. O aumento, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – Cepea, atingiu 6,57% entre 01 e 20 de maio – período de maior intensidade de chuvas no RS.

As cotações da soja caíram no encerramento de maio, devolvendo parte dos ganhos registrados ao longo do mês. Segundo o Cepea, a pressão esteve atrelada à maior oferta da oleaginosa na América do Sul e ao bom ritmo de cultivo nos Estados Unidos. Além disso, apesar da queda na produção brasileira nesta temporada, a reta final da colheita e os preços carregando alguma recuperação no ano têm levado vendedores a aumentarem a disponibilidade de soja no spot nacional. No Hemisfério Norte, agentes estão otimistas com a safra 2024/25. Levantamentos do Cepea apontam que os valores médios de maio continuaram como os maiores do ano, mesmo após algumas baixas nas últimas semanas, tanto para o Indicador ESALQ/BM&FBovespa – Paranaguá (incremento de 7,3% no mês) como para o Indicador CEPEA/ESALQ – Paraná (incremento de 6,8% no mês), em termos reais (IGP-DI, de abril/24).

Trigo – A cultura do trigo está em fase de semeadura da safra 2024/25 com destaque para Minas Gerais, o qual está com o cultivo mais adiantado em relação aos outros estados produtores, e já ocorre o início da fase reprodutiva. No maior produtor nacional, Rio Grande do Sul, ainda não foi iniciado o cultivo, que depende das condições climáticas para confirmar quando ocorrerá. Goiás tem o desenvolvimento fenológico mais adiantado, com algumas lavouras apresentando enchimento de grãos. Em relação à safra passada, há uma previsão de aumento de 12,2% da produção nacional, totalizando 9.082,5 mil toneladas do grão.

Em que pese o possível aumento expressivo do volume produzido, a área plantada estimada deverá reduzir 11,1%, totalizando 3,1 milhões de hectares (ha), o que se explica pelo incremento de 26,2% da produtividade.

Em relação ao impacto das fortes chuvas no Rio Grande do Sul, maior produtor de trigo do país que responde por cerca de 46,1% da produção nacional, segundo os últimos dados da Conab, haverá redução de 10,6% da área cultivada na safra 2024/25. A semeadura da próxima safra no estado que estava prevista para iniciar no mês passado, ainda encontra-se paralisada. Além disso, é preciso considerar que os danos em solo e as perdas dos produtores de trigo reduzirão ainda mais a intenção de plantio e a produtividade do grão na temporada. A Conab já estimava redução da área destinada ao plantio, mas as previsões devem ser revistas para baixo nos próximos levantamentos de safra e refletir desfavoravelmente no planejamento e decisões de investimentos dos produtores.

Variações % de Produção e Preço

Trigo*	2023/24	2024/25
Produção (mil ton.)	-23,3%	12,2%
Produtividade (kg/ha)	-31,8%	26,2%

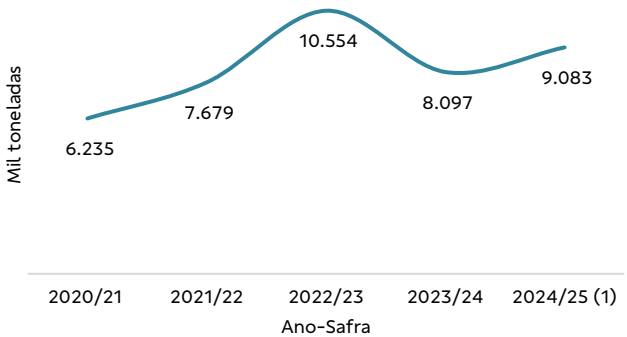
*Fonte: Conab - 8º Levantamento da Safra de Grãos 2023/24.
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito.

Variações % de Preço – Preços Médios

Preços	Abr/24 x Mai/24	Mai/24 x Mai/23
Rio Grande do Sul**	7,01%	- 0,94%
Paraná***	9,8%	-3,96%

** Indicador Cepea/Esalq – Rio Grande do Sul (R$/ton).
*** Indicador Cepea/Esalq – Paraná (R$/ton).
Fonte: Conab e Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito.

Cultura do Trigo



(1) Previsão conforme 8º Levantamento da Safra de Grãos 2023/24.
Fonte: Conab – base: mai/24
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Segundo o Cepea, em maio, os preços médios do trigo no mercado interno apresentaram avanço nas principais regiões produtoras do Rio Grande do Sul e Paraná. Por outro lado, as médias mensais ainda continuam abaixo das registradas há um ano. No Paraná e Rio Grande do Sul, as desvalorizações foram de 3,96% e 0,94%, respectivamente.

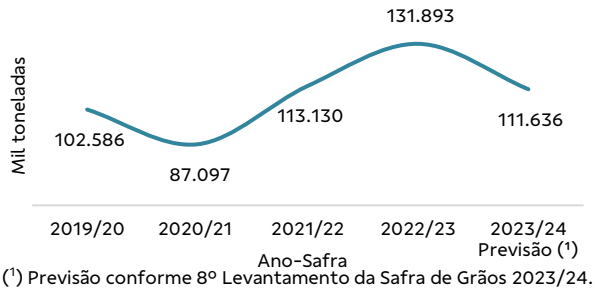
Sazonalmente, as cotações do cereal se mantêm firmes no Brasil no segundo trimestre de cada ano, sustentadas pelos menores estoques domésticos. Em 2024, os valores estão sendo influenciados também pelo ambiente externo, haja vista expectativas de queda nos estoques mundiais da safra 2024/25. Pesquisas do Cepea indicam, ainda, que compradores seguem relatando dificuldades em encontrar o trigo de melhor qualidade no mercado interno, reflexo da queda na produção em 2023. Por outro lado, as importações continuam firmes.

Complementar a esse cenário, é Importante destacar que as enchentes no Rio Grande do Sul impactaram mais fortemente os preços. Devido aos problemas, houve deterioração nas condições dos grãos que estão armazenados, piorando a sua qualidade. Além disso, os preços reagiram também no mercado internacional diante da ocorrência de problemas climáticos relacionados com excesso de chuvas e geadas que tem afetado, respectivamente, a safra na União Europeia e Rússia.

Milho – A produção total está estimada em 111,6 milhões de toneladas, o que equivale à redução de 15,4% ou 20,3 milhões de toneladas frente à temporada anterior. A primeira safra, cuja previsão é de produção estimada em 23,5 milhões de toneladas, contava com 81,6% da colheita já realizada até 02 de junho.

Com o plantio da primeira safra concluído em fevereiro e colheita já adiantada em todo o país, as atenções agora se voltam para os resultados das áreas colhidas e para o desenvolvimento das lavouras semeadas, principalmente no Rio Grande do Sul, estado esse que é o maior produtor de milho de 1ª safra no Brasil, com produção equivalente na atual temporada a 21,8% do total da safra, de acordo com o 8º Levantamento da Safra de Grãos 2023/24. Segundo a MBAgro, a área de milho do RS já estaria praticamente colhida (93% até 02 de junho), sendo que o impacto esperado do que está no campo não deve ser expressivo. A área estimada da cultura abrangia 812.795 hectares, a produção prevista era de 5.202.976 toneladas e a produtividade de 6.401 kg/ha. Com base nos dados da Emater-RS, a área afetada totaliza 113.700 hectares, resultando em perdas de produção de 354.189 toneladas. A nova projeção indica que, após o evento, a produção será de 4.848.786 toneladas, e a produtividade estadual se reduzirá para 5.966 kg/ha.

Cultura do Milho



(1) Previsão conforme 8º Levantamento da Safra de Grãos 2023/24.
Fonte: Conab – base: mai/24
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Variações % de Produção

Milho 3 Safras	2022/23	2023/24
Produção (mil ton.)	16,6%	-15,4%
Produtividade (kg/ha)	13,0%	-8,1%

Fonte: 8º Levantamento Safra de Grãos 2023/24, da Conab - mai/24.
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito.

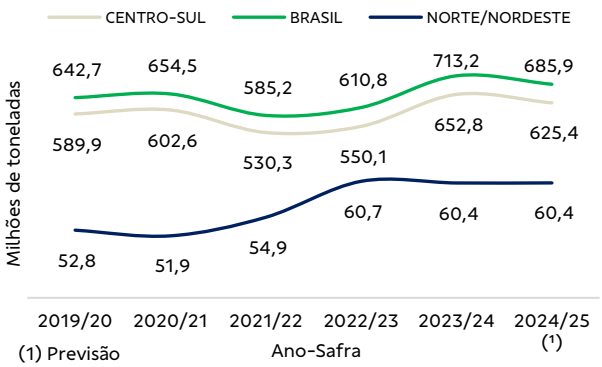
Variações % de Preço – Preços Médios

Preços	Mai/24 x Abr/24	Mai/24 x Mai/23
Indicador Esalq/B3	-1,2%	1,3%

Fonte: Cepea/Esalq/USP.
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito.

Perdas também são esperadas em silos e armazéns afetados e destruídos pelas chuvas que ainda não foram dimensionados devido, principalmente, às dificuldades de acesso. Ainda que não sejam esperadas pressões nos preços do produto, levantamentos do Cepea apontam que os movimentos são distintos dentre as praças acompanhadas, refletindo as condições de oferta e de demanda. Em regiões consumidoras, como partes de São Paulo, os valores recuaram no último mês, sobretudo devido à retração de compradores. De modo geral, o que tem prevalecido no mercado é comprador sinalizando ter estoques e no aguardo de um maior volume para negociar. Do lado vendedor, a maioria analisa a situação local para disponibilizar novos lotes.

Produção de Cana-de-Açúcar



(1) Previsão
Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Cana-de-Açúcar – Segundo a Conab, a safra 2024/2025, em sua primeira estimativa, aponta para produção em 8.673 mil hectares, com rendimento médio de 79.079 kg/ha, resultando em uma produção nacional esperada de 685,9 milhões de toneladas de cana-de-açúcar. A retração na produção e na produtividade, em 3,8% e 7,6%, respectivamente, seriam decorrentes dos baixos índices de precipitações, associados às altas temperaturas registradas na região Centro-Sul.

A colheita na região Centro-Sul se intensificou ao longo do mês de maio. O Sudeste é o maior produtor de cana do país, com 64,6% da produção nacional. Somente na região, é previsto que ao término da colheita, o volume de cana apresente 5,6% de redução frente ao período anterior, com produtividade retraindo 10,8%.

Variações % de Produção e Preço

Cana-de-Açúcar*	2023/24	2024/25
Produção (mil ton.)	16,8%	-3,8%
Produtividade (kg/ha)	16,2%	-7,6%

Produção de Derivados*	2023/24	2024/25
Açúcar	24,1%	1,3 %
Etanol Anidro	6,5%	1,8%
Etanol Hidratado	16,0%	-14,7%

*Data-base da estimativa: abr/24. Com base na Análise do Primeiro levantamento da Safra 2024/25 de Cana.
Fonte: Conab.
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito.

Var. % de Preço – Preços Médios Mercado Interno

Cultura	Mai/24 x Abr/24	Mai/24 x Mai/23
Açúcar	-5,6%	-6,6%
Etanol Anidro	-1,7%	-13,0%
Etanol Hidratado	-2,0%	-10,8%

Fonte: Cepea/Esalq/USP – base: mai/24.
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Produção de Açúcar e Etanol – As operações da safra 2024/25 começaram oficialmente a partir de abril de 2024, nas Regiões Centro-Sul e Norte do país, enquanto que no Nordeste, a previsão é que as atividades só iniciem a partir de agosto. Observa-se que a evolução dos trabalhos nas unidades de produção ainda é incipiente, mas já há estimativas preliminares quanto ao direcionamento da cana-de-açúcar a ser colhida, com perspectiva de manter maior destinação do Açúcar Total Recuperável (ATR) para a geração do açúcar em relação ao etanol (o mercado segue sendo mais favorável à fabricação do adoçante, especialmente com maior competitividade da *commodity* brasileira no mercado internacional frente à queda de oferta por parte de importantes países exportadores).

O volume total esperado para os dois subprodutos, açúcar e etanol, pode sofrer alteração ao longo do ciclo, dependendo do direcionamento dado nas unidades de produção. Contudo, a primeira estimativa é de produção aproximada de 46,3 milhões de toneladas de açúcar, sendo 1,3% maior que o resultado obtido na temporada anterior.

Com menor oferta de matéria-prima em comparação à safra anterior e também com a redução da competitividade de mercado do biocombustível frente ao açúcar (aumento nos preços internacionais do adoçante em razão do decréscimo da oferta no mercado), a estimativa é que haja diminuição no volume total de etanol (anidro e hidratado) obtido a partir da cana-de-açúcar, estimando inicialmente em 27,3 bilhões de litros, 8% inferior a 2023/24, e seguindo um menor direcionamento do ATR para a geração do biocombustível. Esse fator deverá favorecer a produção de etanol a partir de outras fontes naturais como o milho e a soja para complementar a demanda interna.

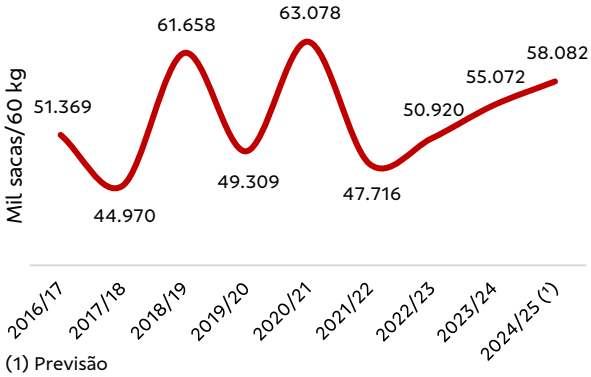
Os preços médios do açúcar cristal branco encerraram maio em queda no spot do estado de São Paulo. Segundo o Cepea, além da maior oferta, a movimentação foi mais calma na última semana do mês com consumidores mais retraídos. Em maio/24, o Indicador CEPEA/ESALQ, teve média de R$ 138,98/saca de 50 kg, queda de 5,55% frente à de abril/24. Em relação a maio/23, o Indicador caiu 6,63%, em termos reais (valores deflacionados pelo IGP-DI de abril/24), interrompendo a sequência de altas observada desde o início da safra 2023/24 no comparativo com os respectivos meses da temporada 2022/23. De modo geral, a colheita e a moagem da cana-de-açúcar da safra 2024/25 seguem sem interrupções, devido ao clima seco em SP. Porém, usinas estão priorizando a entrega dos contratos do cristal, o que reduz a disponibilidade para as negociações no mercado à vista.

Em relação ao etanol, em maio, os preços apresentaram oscilações frente ao mês anterior, com retração de cerca de 2,0% para o hidratado e de 1,7% para o anidro. Apesar da demanda aquecida, a produção a todo vapor nas usinas ao longo do mês pressionou as cotações. No caso do hidratado, o movimento de baixa veio sobretudo do aumento da oferta do biocombustível no spot e da boa vantagem comparativa do etanol nas bombas. Com retomada da moagem e da volta das atividades industriais devido à normalização das chuvas nas regiões produtoras do Centro-Sul, algumas usinas tiveram necessidade de realizar novas vendas para dar vazão ao volume de produção. Compradores estiveram mais ativos, adquirindo volumes maiores (com participação de distribuidoras de combustíveis de diferentes portes).

Café – A primeira estimativa para a safra brasileira de café 2024/25, que, nesta temporada deverá se confirmar como ano de bienalidade positiva, aponta para projeção de 58.082,2 mil sacas de café beneficiado, 5,5% superior à produção de 2023/24. Vale lembrar que as safras de 2021/22 e 2022/23 foram afetadas por adversidades climáticas e tiveram baixas produtividades, modificando a tendência de crescimento que vinha se verificando na série de produção. Já em 2023/24, deu-se início à fase de recuperação das produtividades.

Comparativamente à produção de 2022/23, último ano de safra de alta bienalidade e que foi afetada fortemente por problemas climáticos, observa-se crescimento de 14,1% ou de 7.162 mil sacas.

Produção Brasileira de Café



(1) Previsão
Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Para a especialidade Arábica, a primeira estimativa da Conab indica crescimento de 2,7% na área plantada, situando-se em 1,82 milhão de hectares. Desse total, 1,53 milhão está em produção e 297,5 mil em formação. O cultivo do arábica corresponde a 80,9% da área total destinada à cafeicultura nacional.

Nesta temporada de bienalidade positiva, a produção estimada das duas especialidades sofreu incremento de 2,4% na área de produção. Minas Gerais concentra a maior área com a espécie, correspondendo a 74,5% da área total ocupada com o arábica no país.

Já para a especialidade Conilon (ou Robusta), há expectativa de incremento de 1% na área destinada à sua produção, sendo que no Espírito Santo se concentra a maior área destinada ao Conilon.

De acordo com a primeira estimativa, a produtividade média nacional do café deverá ser 3% maior em relação à safra anterior, atingindo 30,3 sacas/ha. A produtividade do Arábica está estimada em 26,7 scs/ha, aumento de 2% em relação à safra de 2023/24. A do café Conilon está estimada em 44,3 scs/ha, 6,2% acima da temporada anterior.

Var. % de Preço – Preços Médios Mercado Interno

Cultura	Mai/24 x Abr/24	Mai/24 x Mai/23
Café Arábica	-3,2%	13,0%
Café Conilon	-7,9%	48,3%

Fonte: Cepea/Esalq/USP – Valores médios em R$/sacas 60 kg - mai/24.
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Os preços do café oscilaram fortemente em maio, sendo que o suporte veio da possibilidade de menor oferta global do grão, uma vez que há preocupações com o desenvolvimento da safra de robusta no Vietnã. Embora no fechamento do mês o arábica e o conilon tenham apresentado crescimento de 3,06% e 1,31%, respectivamente, a média mensal de ambas as especialidades ficaram abaixo da média de abril, dada a alta expressiva observada entre março e abril que já precificava a possível retração da produção mundial.

Segundo o Cepea, o impulso aos preços do arábica vem de preocupações quanto aos estoques globais do grão. Por sua vez, as cotação do conilon está em alta desde o último trimestre de 2023, influenciada pela aquecida demanda internacional pela variedade brasileira. Compradores externos têm se deslocado ao Brasil, diante de problemas relacionados à produção e também ao escoamento da safra do Vietnã, que é o maior produtor de conilon do mundo. Além disso, produtores do país asiático têm vendido de forma mais cadenciada seu produto. Ressalta-se, ainda, que a Indonésia, terceira maior produtora de conilon, também enfrenta dificuldades no campo.

Esse cenário externo favoreceu as exportações brasileiras. No primeiro quadrimestre de 2024, o Brasil exportou cerca de 935 mil toneladas de café, o que representa aumento de 49,7% na comparação com igual período de 2023. Em termos de valores, a exportação de café rendeu ao país cerca de US$ 3,42 bilhões no acumulado de jan-abr/24. Além da estimativa de crescimento da produção nacional em 2024, os preços internacionais atrativos e a valorização do dólar favoreceram o crescimento das exportações no primeiro trimestre do ano.

Destaques – Proteínas Animais

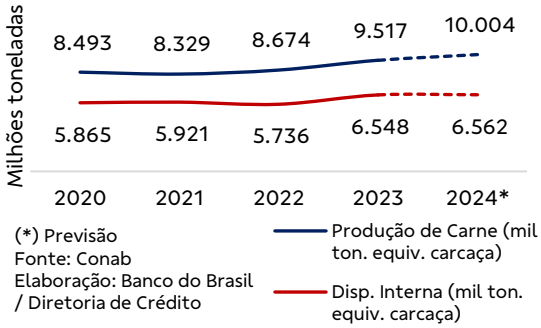
Bovinos – Segundo os dados da Conab, o atual momento de baixa do ciclo pecuário (aumento da oferta de bezerros e de abates de fêmeas) indica que o movimento de alta nos abates deverá se estender ainda ao longo de 2024, motivado por descarte de fêmeas, devendo ser o maior volume desde 2018 e, consequentemente, um volume maior de proteína animal no mercado.

Observados os níveis de produção e a estabilidade das exportações anuais, a consequência é uma disponibilidade interna maior, onde o consumo aparente per capita deverá situar-se em torno dos 32,1 kg/habitante/ano em 2024.

Em relação à produção global de carne bovina para 2024, segundo previsões do USDA, foi estimada em 60,4 milhões de toneladas, incremento de 0,6% frente a 2023, uma vez que as projeções para a China, Brasil e a Austrália compensaram as quedas na Argentina e na União Europeia.

Na Austrália, em decorrência do impacto do "El Niño" que prejudicou a engorda do gado, anunciaram que elevarão os níveis de abate, o que compensará ligeiramente pesos mais baixos.

Produção de Bovinos



(*) Previsão
Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Var. % de Preço – Preços Médios Mercado Interno

Cultura	Mai/24 x Abr/24	Mai/24 x Mai/23
Boi Gordo Cepea/B3*	-1,6%	-13,9%
Boi Gordo – SP**	-1,5%	-14,2%

*Indicador do Boi Gordo Cepea B3 (R$/@).
**Indicador do Boi Gordo – Média a Prazo – SP (R$/Kg).
Fonte: Cepea/Esalq/USP – base: maio/24.
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito.

Já a produção da Argentina foi revisada para baixo em razão da queda da produção de bezerros e a liquidação induzida pela seca em 2023. Da mesma forma, a produção da UE foi revisada para baixo devido à redução dos abates em meio a vários anos de contração do rebanho e demanda lenta do consumidor.

A balança comercial brasileira da bovinocultura de corte indica recuperação das exportações de produtos da cadeia produtiva a partir de 2022. As exportações brasileiras de carne bovina *in natura* vem em trajetória de crescimento. Segundo a Conab, as exportações de carne bovina em abril/2024 foram 75,0% maiores que no mesmo período do ano anterior, apresentando o melhor desempenho já registrado. Em relação ao mês anterior, o aumento de volume registrado foi de 23,9%. No acumulado jan-abr/24, dados da Secex indicam que as exportações de carne bovina totalizaram 835,0 mil toneladas, incremento de 37,2% em relação ao mesmo período de 2023. Esse resultado segue em linha com a intensificação dos envios à China, no primeiro quadrimestre/24, além da abertura de novos mercados (Argélia e México) e da ampliação de negócios com alguns países, como Emirados Árabes Unidos, Líbano e Jordânia. Os embarques de carne bovina do Brasil, segundo o USDA, devem aumentar em torno de 1,1% este ano, devido à maior produção e à firme demanda global.

A China se mantem como maior importador, participando com 44,9% de todo o volume exportado pelo Brasil no quadrimestre jan-abr/24, seguido dos Emirados Árabes Unidos com 7,8% e EUA com 6,2%. Entretanto, com a recuperação da produção interna de proteína animal pela China, permanece a expectativa de redução da demanda chinesa por produto externo.

Em que pese esses resultados positivos, os riscos associados aos atuais conflitos geopolíticos no cenário internacional, em especial entre Israel x grupos radicais islâmicos, seguem no radar dos produtores, dado os potenciais impactos nos negócios com a região.

Os preços do boi gordo praticados pelo mercado continuam em trajetória de queda. Segundo o Cepea, as desvalorizações têm sido explicadas pela maior oferta de animais no campo ao final da safra e ao tradicional efeito manada de produtores entregando seus animais receosos de quedas ainda maiores. A forte concorrência de outras proteínas animais, com preços mais acessíveis ao consumidor também tem contribuído para manter a pressão baixista dos preços. O impacto sobre a rentabilidade do produtor só não é maior devido às exportações que se mantém aquecidas.

Em relação ao impacto das recentes chuvas e enchentes no Rio Grande do Sul, segundo a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS) e a Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (Ascar), vasta extensão de pastagens foi impactada no estado. Além das áreas de campo nativo, os produtores dependem do cultivo de plantas forrageiras, cujas perdas tanto em termos de área quanto em percentuais impactarão diretamente a produção de leite e de carne nos meses subsequentes ao evento. O número de produtores afetados, segundo dados levantados até a penúltima semana de maio, totalizavam 32.409, com áreas afetadas equivalente a 688 mil hectares. A combinação dessas perdas comprometerá seriamente a capacidade de sustento dos rebanhos, refletindo negativamente na economia local e no abastecimento de produtos de origem animal.

As perdas de animais apuradas pelas entidades inclui bovinos de corte e leite, impactando a produção de proteína animal local a curto e médio prazos. Na bovinocultura de corte, o número de animais mortos em consequência direta e indireta das chuvas, superam 14.806 cabeças. Porém, não deve comprometer a produção animal no país. O Rio Grande do Sul representa, em sua totalidade, aproximadamente 7% da criação nacional.

Ademais, levantamentos do Cepea na região indicam também que, como as chuvas destruíram pontes e danificaram trechos de estradas, muitos lotes de animais para abate ainda não conseguem ser transportados aos frigoríficos. Com isso, muitos compradores e vendedores devem ficar fora do mercado esperando a normalização. No caso específico do escoamento marítimo, estima-se prêmios maiores em outros portos que não Rio Grande e desvio de carga para outras regiões.

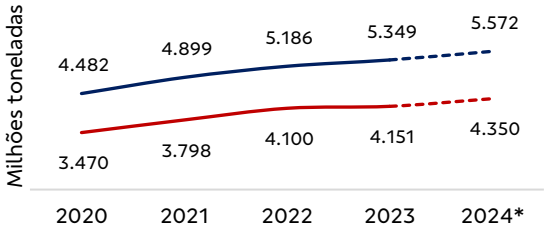
Suínos – As perspectivas para o setor suinícola ainda são consideradas favoráveis neste ano. Segundo avaliação do USDA, os fundamentos para tanto decorrem do possível incremento do consumo doméstico, das exportações e da ausência de expectativas de pressões sobre os custos de produção.

Porém, há a preocupação com o impacto que as chuvas estão trazendo para os criadores do Rio Grande do Sul, que representam 20% da produção nacional de suínos vivos. Há registros de perdas de animais, sendo que aproximadamente 14.794 cabeças foram mortas devido às inundações de centros de criação e destruição dos criadouros. A morte de suínos, assim como de aves, afeta substancialmente a cadeia de suprimentos de proteína animal para mercados nacionais, exigindo tempo e recursos para a recuperação.

O grande problema para a suinocultura, além das perdas de animais, é a impossibilidade de escoamento da produção, com as rodovias destruídas pelas águas e perdas em estruturas produtivas. Ainda não há definição efetiva das perdas logísticas, mas investimentos na reconstrução e reparo da infraestrutura para restaurar o acesso e a conectividade em áreas rurais que estão isoladas são considerados urgentes e essenciais para a recuperação econômica e social das famílias e comunidades atingidas.

Em relação aos preços do suíno vivo, embora os preços médios do mês mostram elevação, os dados de fechamento apontaram queda no encerramento de maio, em todas as regiões acompanhadas pelo Cepea. Dentre as praças monitoradas, as de Minas Gerais registraram as desvalorizações mais intensas.

Produção de Suínos



(*) Previsão
Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Produção de Carne (mil ton. equiv. carcaça)
Disp. Interna (mil ton. equiv. carcaça)

Var. % de Preço – Preços Médios Mercado Interno

Cultura	Mai/24 x Abr/24	Mai/24 x Mai/23
Carcaça Suína Especial*	-1,6%	-13,9%
Suíno Vivo – SC**	3,4%	2,2%
Suíno Vivo - RS***	1,5%	-1,0%

*Negociado no Atacado S. Paulo, com ICMS (R$/Kg).
**Indicador Suíno Vivo Cepea/Esalq – SC (R$/Kg).
***Indicador Suíno Vivo Cepea/Esalq – RS (R$/Kg).
Fonte: Cepea/Esalq/USP – base: maio/24.
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito.

Segundo o Cepea, o movimento vem da oferta elevada e da demanda enfraquecida no mês. No mercado de carnes, pesquisadores do Cepea explicam que, diante da fraca procura, frigoríficos reduziram os preços no final do mês em busca de maior volume de vendas. As quedas só não foram maiores diante das incertezas de retomada da produção em sua plenitude no Rio Grande do Sul.

O mercado ainda mantém a estimativa de que a disponibilidade interna de carne suína para 2024 deverá manter-se acima do consumo de 2023 (o equivalente a aproximadamente 20 kg/hab/ano). A substituição da carne bovina pela suína, mais acessível aos padrões de renda do consumidor, tem favorecido o aumento do consumo interno nos últimos anos. Porém, o atual ciclo da pecuária já tem repercutido de forma contrária, trazendo pressões baixistas para os preços da proteína suína.

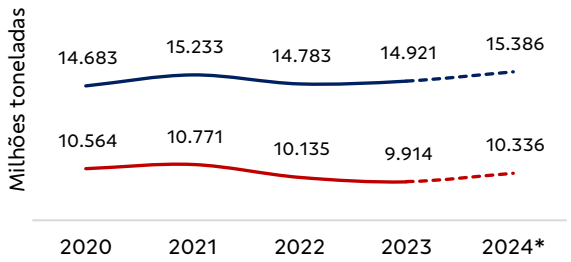
A produção da proteína se encontra ajustada ao crescimento vegetativo da população, bem como da demanda externa que tem se mostrado crescente nos últimos anos.

Em relação ao comércio externo, o volume das exportações de carne suína no acumulado de jan-abr/24 foi 2,9% superior a igual período do ano anterior. A China, mais Hong Kong, segue como principal destino das remessas brasileiras. Contudo, a demanda chinesa pelo produto vem se reduzindo paulatinamente, em decorrência da recuperação do plantel daquele país. No quadrimestre jan-abr/24, o volume das vendas brasileiras para o país asiático correspondeu a 32,7% do total exportado. Em igual período de 2023, o volume exportado foi de 49,7% do total.

Frango – Apesar do cenário global desafiador, as perspectivas para o mercado brasileiro de avicultura de corte são positivas para 2024. Segundo a Conab, após um ano favorável, cujos dados indicam que o setor fechou 2023 com incremento de 1,0% na produção, projeta-se para 2024 crescimento aproximado de 3,1%. Permanece a tendência de alta do consumo da proteína para este ano, devido à acessibilidade do produto pelo consumidor frente à sua renda. Os indicadores apontam para disponibilidade per capita interna com crescimento de 4,3%, em torno dos 52 Kg/hab/ano.

Em decorrência das fortes chuvas que afetaram o Rio Grande do Sul, parte dos criadouros do estado foram atingidos, com impactos na logística de armazenagem de insumos produtivos, principalmente de grãos para alimentação animal, além da destruição de unidades de confinamento. Segundo a consultoria Safras & Mercado, na primeira quinzena de maio estimava-se a morte de aproximadamente 200 mil aves nas regiões do Vale do Taquari e Serra Gaúcha, principais áreas produtoras de aves e suínos, locais mais afetadas pelas chuvas. Porém, os números indicados pela Emater-RS, em apuração até a penúltima semana de maio, já indicaram a morte de mais de 1.198.489 cabeças, formada por aves para criação de subsistência e recria integrados com a indústria. O RS detém 12% da produção nacional de frangos vivos, porém não se espera grandes impactos na cadeia nacional, ficando o impacto mais limitado ao estado. O grande problema do setor nesse momento é a impossibilidade de escoamento da produção local, com as rodovias intransitáveis, elevando o risco de perdas na atividade produtiva.

Produção de Frangos



(*) Previsão
Fonte: Conab
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Var. % de Preço – Preços Médios Mercado Interno

Cultura	Mai/24 x Abr/24	Mai/24 x Mai/23
Frango Resfriado*	-0,5%	11,25%
Frango Congelado*	-1,1%	8,4%

*Preços Cepea/Esalq – Estado de SP.
Fonte: Cepea/Esalq/USP – base: maio/24.
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Em relação à produção de carne de frango, a cadeia produtiva brasileira representa cerca de 49,6% da produção nacional do complexo de carnes, sendo o principal produto das vendas externas de proteína animal. Com elevado coeficiente de exportação, cerca de 30% da produção é destinada ao mercado externo. O Brasil, no acumulado de 2023, ocupou a posição de 2º maior produtor mundial de frango e é o maior exportador mundial da proteína desde 2004, respondendo por cerca de 35,2% das exportações totais do segmento no mundo em 2023, segundo dados do USDA.

A trajetória ascendente das vendas externas nos últimos anos foram fator de estímulo à consolidação e à profissionalização do segmento e tem papel relevante no faturamento da indústria de frigoríficos. As exportações brasileiras de carne de frango *in natura* e industrializada somaram 5.009,5 mil toneladas no último ano, incremento de 7,7% frente a 2022, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), compilados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA.

Porém, no acumulado de jan-abr/24, o volume exportado pelo Brasil foi 2,8% inferior a igual período do ano anterior. Nesse sentido, destaca-se que em 2023, no mesmo quadrimestre, o volume exportado havia superado em 13,4% o período correspondente de 2022. A retração observada no primeiro quadrimestre deste ano foi puxado pela China, cujas compras provenientes do mercado brasileiro retraíram-se 32,6%. A justificativa advém do incentivo para a recomposição da cadeia produtiva chinesa.

Vale destacar também que os riscos associados às tensões geopolíticas no Mar Negro e no Oriente Médio permanecem no radar dos agentes. Estes seguem cautelosos, uma vez que dos dez maiores destinos da proteína avícola, quatro se localizam nas zonas de conflito, como Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Iraque e Rússia (este último responsável pelo conflito no Mar Negro com a Ucrânia).

Em relação aos preços praticados pelo mercado, quase todos os produtos de origem avícola encerraram o mês de maio abaixo dos verificados em abril. Segundo pesquisadores do Cepea, o movimento veio em linha com uma demanda mais fraca na maior parte do mês.

Por fim, apesar de cautelosos também devido aos riscos trazidos pela gripe aviária e do impacto do clima, que trouxe prejuízos à cadeia produtiva no Sul do País, os agentes do setor acreditam que é possível a manutenção de cenário mais favorável, fundamentado na possibilidade de que os embarques da carne sigam elevados, como em 2023, e a demanda doméstica permaneça aquecida, o que deve estimular a produção, ainda que novas medidas sanitárias precisem ser adotadas para manter as granjas livres da doença, o que associaria custos ao setor. O Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) permanece em alerta com adoção de medidas de prevenção e combate à gripe aviária, de modo a evitar a contaminação dos plantéis e o impacto negativo para a cadeia produtiva de proteína animal.

Destaques – Insumos Agrícolas

A conjuntura tem se relevado mais desafiadora para a cadeia de insumos agrícolas. Além dos eventos externos nos últimos anos, que desarranjaram as cadeias produtivas, e da taxa de juros em patamar restritivo, os resultados dos negócios são vinculados à dinâmica da produção agropecuária, que tem experimentado ambiente mais hostil a partir da safra 2022/2023, especialmente pelos níveis de preços mais depreciados para as principais commodities alimentícias e dos eventos climáticos adversos incorridos e esperados.

Apesar da cautela ainda exigida no momento, a indústria de insumos agrícolas, em geral, é bem estruturada, tendo inclusive corporações transnacionais à frente de parte dos empreendimentos e, embora haja segmentos que dependam de importações, existe a expectativa de que políticas governamentais voltadas ao incentivo da produção nacional de alguns desses produtos melhore as condições de oferta à frente.

No caso específico dos fertilizantes, a comercialização para o plantio da próxima safra no Brasil, a 2024/25, que inicia no segundo semestre, está começando a reagir após mais de um ano de lentidão nos negócios no campo. Embora o ritmo ainda esteja abaixo do histórico, as vendas estão melhores do que em 2023. A queda dos preços dos insumos e o receio com eventuais problemas logísticos para a distribuição nos próximos meses ajudam a explicar a reação nas vendas.

Em relação às máquinas e implementos agrícolas, as vendas internas no acumulado do primeiro quadrimestre do ano recuaram 32,2% em comparação com o mesmo período de 2023. A queda nas vendas é atribuída aos desafios que os produtores vêm enfrentando no campo, especialmente em termos de preços, juros e clima, que refletem mais imediatamente nos níveis de investimento.

Já o recente evento climático no Rio Grande do Sul, caracterizado por fortes chuvas, provocará custos adicionais nas lavouras afetadas, especialmente no tocante ao uso de fertilizantes. O principal aspecto que compromete a eficiência da utilização desses insumos é o excesso de umidade e o solo encharcado que dificulta a absorção dos nutrientes e atrasam as operações de adubação. Ainda pelo lado dos produtores, a situação afeta a condição financeira de produtores, especialmente para aqueles que já tinham sido impactados por piores condições de mercado (preços) e climáticas anteriormente. Assim, o impacto das chuvas no RS deverá ser mais imediato nas distribuidoras em vendas no varejo ou atacado que atuam mais fortemente nas regiões do estado mais afetadas, principalmente por conta do potencial aumento da inadimplência de produtores mais impactados.

Nesse cenário de eventos climáticos adversos mais recorrentes, as empresas da cadeia de insumos agrícolas ficam mais sujeitas a demandas flutuantes ou extemporânea à frente, ou seja, necessitarão ajustar suas estratégias de produção e distribuição para lidar com situações causadas por eventos climáticos como observados recentemente.

Destaques – Outras culturas afetadas pelas enchentes no Rio Grande do Sul

Arroz – O Rio Grande do Sul é o principal estado produtor de arroz do Brasil, concentrando 70% da produção nacional. Segundo o Instituto Rio Grandense de Arroz (IRGA), a colheita já atingiu mais de 90% das lavouras, restando em torno de 89,9 mil hectares a serem colhidos. Desse montante, 23 mil hectares estão totalmente perdidos, principalmente na região central do estado, mais afetadas pelas enchentes, embora não se pode desprezar os danos na produção estocada em áreas alagadas.

Segundo a Consultoria MBAgro, a possibilidade de desabastecimento é considerada e políticas para ampliar o nível das importações estão avançando, sendo que o primeiro leilão já resultou na aquisição de 263 mil toneladas, fato que preocupa o setor. Os últimos dados divulgados pela Conab no 8º Levantamento da Safra de Grãos ainda não capturavam os impactos das enchentes no RS, mas a companhia já estimava que pelo menos 8% da área gaúcha para a cultura registrará perdas como reflexo das chuvas volumosas.

Já em termos de preços, a cotação do arroz em casca subiu com mais intensidade no mês de maio. O incremento entre os dias 01 e 21 de maio foi de 13,5% no mercado interno. Na avaliação do Cepea, o impulso decorreu da maior presença de compradores em busca de renovar os estoques com a retomada de parte de suas atividades, diante do risco de ocorrência de escassez. Porém, do lado da oferta, os vendedores se retraíram, diante das perdas em avaliação no Rio Grande do Sul e na espera de maiores altas no mercado.

Hortifrutigranjeiros - A despeito do estado ser um importante produtor nacional de maçã, batata e cebola, a colheita desses produtos praticamente já foi finalizada, restando poucas áreas de batata e maçã a serem colhidas. O RS produz cerca de 8 a 9% da batata de safrinha do país e estaria sujeita a danos, embora ainda encontra-se em fase vegetativa. Já a maçã, o impacto é principalmente logístico, com dificuldades de escoamento do produto para outras regiões, o que potencializa riscos de desabastecimentos e de pressões em preços. Da mesma forma, a velocidade de abastecimento da cebola está comprometida, coincidentemente em período que tradicionalmente já dependemos mais da importação do produto.

Escassez, queda na qualidade e aumento de preços são as principais dificuldades apontadas por empreendedores, situação justificada pela perda de 229,4 mil toneladas, distribuídas da seguinte forma: 57,9 mil toneladas em frutícolas e 171,4 mil toneladas em olerícolas.

Fumo – O Rio Grande do Sul é o maior produtor nacional, respondendo por cerca de 46% da produção do tabaco do país. Assim, intempéries climáticas na região sempre impactam negativamente a dinâmica da cadeia produtiva do setor. Segundo as últimas informações do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mesmo antes do atual evento já havia redução de 2,6% na produção gaúcha de tabaco para a safra 2024/25. Ressalte-se que a safra de tabaco que normalmente começa em abril de cada ano com o preparo dos canteiros, está interrompida devido à alta umidade do solo causada pelas chuvas recentes. Por conseguinte, os tratos culturais e plantios, que ocorreriam em julho/agosto, também sofrerão atrasos. Além disso, é preciso considerar perdas relacionadas à infraestrutura produtiva e produtos armazenados, que naturalmente é bem sensível à água.

Bovinocultura Leiteira – No caso da cadeia do leite, o estado é o 3º maior produtor do país. Sabe-se que os pontos de produção mais centrais do estado deixaram de operar por alguns dias, enquanto outras conseguiram trabalhar com capacidade reduzida. No mês de maio, já tradicionalmente de menor produção, muito ainda foi perdido pelas dificuldades logísticas, haja vista que o leite é altamente perecível. Ademais, muitas áreas de pastagens de inverno recém implantadas foram danificadas. Com isso, é bastante provável que haja atraso no início da safra de leite e que os preços de lácteos mostrem reação no curto prazo.

Em cabeças, o montante de bovinos leiteiros mortos superam a 2.451 no estado, segundo a Emater/RS, em posição apurada até a penúltima semana de maio. Dos animais que sobreviveram, muitos estão ficando doentes devido à falta de alimentação, pastagens e água potável, levando-os também ao óbito.

A coleta e a comercialização foram prejudicadas por diferentes fatores. Em alguns casos, houve a impossibilidade de ordenha devido aos danos sofridos pelos animais e nas instalações durante o evento climático. Além disso, mesmo para os produtores capazes de realizar a ordenha, a falta de acesso às propriedades, em decorrência da destruição de estruturas, como pontes e estradas, impediu a passagem dos caminhões com tanque coletor de leite. Nesse cenário, o volume diário deixado de ser coletado, segundo a Emater/RS, aproximava de 1,5 milhão de litros, com produção total não coletada próxima de 10 milhões de litros em um contingente de produtores afetados que já ultrapassam a 7.450 no estado.

Disclaimer

- LEIA O FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES, A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS, SE HOUVER, E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR.
- DESCRIÇÃO DO TIPO ANBIMA DISPONÍVEL NO FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES.
- RENTABILIDADE OBTIDA NO PASSADO NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RESULTADOS FUTUROS.
- O INVESTIMENTO EM FUNDO NÃO É GARANTIDO PELO FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO – FGC.
- A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS.
- PARA AVALIAÇÃO DA PERFORMANCE DE UM FUNDO DE INVESTIMENTO, É RECOMENDÁVEL A ANÁLISE DE, NO MÍNIMO, 12 (DOZE) MESES.
- A BB ASSET SE EXIME DE QUALQUER RESPONSABILIDADE POR QUAISQUER PREJUÍZOS, DIRETOS OU INDIRETOS, QUE VENHAM A DECORRER DA UTILIZAÇÃO INDEVIDA DESTE MATERIAL OU SEU CONTEÚDO.
- ESTE MATERIAL É DISTRIBUÍDO UNICAMENTE A TÍTULO INFORMATIVO, E NÃO DEVE SER CONSIDERADO ISOLADAMENTE PARA TOMADA DE DECISÃO DE INVESTIMENTO. TEM COMO OBJETIVO AUXILIAR O CLIENTE EM SUAS DECISÕES DE INVESTIMENTO, NÃO CONSTITUINDO QUALQUER TIPO DE OFERTA OU SOLICITAÇÃO DE COMPRA E/OU VENDA DE QUALQUER PRODUTO. ANTES DE QUALQUER DECISÃO, O CLIENTE DEVERÁ REALIZAR O PROCESSO DE SUITABILITY E CONFIRMAR SE OS PRODUTOS APRESENTADOS SÃO INDICADOS PARA O SEU PERFIL DE INVESTIDOR. ESTE DOCUMENTO NÃO LEVA EM CONSIDERAÇÃO OS OBJETIVOS DE INVESTIMENTOS, SITUAÇÃO FINANCEIRA OU NECESSIDADES ESPECÍFICAS DOS INVESTIDORES, DE FORMA PARTICULAR.
- ESTE MATERIAL NÃO SUGERE QUALQUER ALTERAÇÃO DE CARTEIRA, MAS SOMENTE ORIENTAÇÃO SOBRE PRODUTOS ADEQUADOS A DETERMINADO PERFIL DE INVESTIDOR. A BB ASSET MANAGEMENT NÃO SE RESPONSABILIZA POR QUALQUER DECISÃO TOMADA PELO CLIENTE COM BASE NAS ORIENTAÇÕES AQUI CONTIDAS.
- AS INFORMAÇÕES DO CONSULTOR NÃO REFLETEM NECESSARIAMENTE PROJEÇÕES E/OU EXPECTATIVAS DA BB ASSET

BB Asset
Management
Busque mais para
os seus investimentos
www.bbasset.com.br
Linkedin.com/showcase/bbasset